

# **ASPECTOS DA ESTRUTURA DE PODER ENTRE HOMENS E MULHERES E AS DIVERSÕES ERÓTICO-DANÇANTES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.**

Dr. Fernando de Jesus Rodrigues

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

[ferssa@gmail.com](mailto:ferssa@gmail.com)

Resumo: Neste texto, pretende-se discutir sobre aspectos da estrutura de poder entre homens e mulheres a partir da importância assumida por músicas e danças que imitam gestos erótico-sexuais em planos sociais de ampla integração no Brasil atual. Destaca-se a homologia entre o aumento de poder das mulheres em relação aos homens em diferentes regiões da vida e o crescimento da pressão para ampliação do grau de publicidade de linguagens de autossatisfação eróticas. Ressalta-se que a competição erótica entre as próprias mulheres é uma dimensão social parcial a ser compreendida com o fim de esclarecer a alteração de linguagens de poder contemporâneas.

Palavras-chave: balança de poder homens/mulheres. mimese dançante erótico-sexual. espaço público de diversão.

Abstract: In this text, it is intended to discuss on aspects of the structure of power between men and women starting from the importance assumed by songs and dances that imitate erotic-sexual gestures in large integration social plans in Brazil today. It is highlighted the homology between the empowerment of women in relation to men in different regions of the life and growth of the pressure to enlargement of erotic self-satisfaction languages publicity's degree. It is noteworthy that the erotic competition among women themselves is a partial social dimension to be understood in order to clarify the change of languages of power in contemporary.

Key-words: men/women balance of power. erotic-sexual dancing mimesis. entertainment public space.

***O problema das representações imitativas de atos erótico-sexuais através de danças de baile como índice de avaliação das estruturas sócio psíquicas de autossatisfação.***

Em diferentes cidades brasileiras, tive a oportunidade de fazer observações de bailes musical-dançantes em bairros populares, organizados como um tipo de empreendimento de diversão com distintas direções e graus de profissionalização. Uma miríade de fenômenos acontecem nessas situações e qualquer um deles pode ser ressaltado para servir tanto como referência para investigações empíricas quanto para o estabelecimento

de relações entre outros eventos buscando formar representações de dinâmicas humanas com graus elevados de distanciamento.

Confrontando continuamente as concepções prévias, que absorvia e recombina, com a observação dos acontecimentos nesses bailes, um fenômeno que gradativamente fui concebendo como tendo significado sociológico acontecia no momento em que grande parcela dos indivíduos orientava-se para o ambiente sonoro elaborado por agentes contratados, tais como DJ's e Bandas. Nessas ocasiões, boa parte dos indivíduos-clientes é afetada por expressões musicais conhecidas previamente, desencadeando aumentos de intensidade da vibração de suas emoções, momentos nos quais os padrões de sons são reconhecidos, formando um padrão coletivo de excitação. Ativados pelo aquário sonoro, canalizam pulsações emocionais para disposições dançantes – individuais, em pares, ou em grupos – nas quais se pode observar atos simulatórios de gestos de sedução sexual ou de sexo propriamente dito sem que suas exteriorizações culminassem na efetivação de atos sexuais.

Uma parte dos julgamentos desfavoráveis sobre as músicas tocadas nesses tipos de baile estão justamente referidas ao baixo valor conferido às letras, danças e coreografias, associadas a elas que, de alguma forma, estimulam os indivíduos a exercerem as dimensões expressivas dos corpos na direção de representar publicamente gestos que simulam diversos estilos de coito e, em alguns casos, gestos semelhantes aos de oferecimento sexual fácil, diante de estranhos ou quase estranhos, com um reduzido grau de vergonha. Um saber-fazer anteriormente “associado a” e “concentrado por” prostitutas e dançarinas, profissionais da excitação sexual, ou mulheres avaliadas como de baixo valor para o mercado de casamentos e namoros, ainda que, via de regra, não se observe nessas situações a efetivação de coitos ou a atuação de mulheres como profissionais do sexo. Entretanto, os homens e mulheres clientes podem extrair prazer autêntico e efetivo da simples experiência dessas simulações e representações miméticas nesses espaços. Ademais, essas também podem servir de linguagens através das quais se pode acessar um intercuro de carícias sexuais efetivas, como roçar o sexo de diferentes maneiras sutis, mas, na maioria dos intercursos dançantes, as simples afecções decorrentes da expressão dos gestos esgotam a dinâmica de geração e finalização do prazer.

Em suma, essas representações miméticas – geralmente associadas a representações discursivas, ambas associadas a padrões rítmico-sonoros feitos para dançar – são linguagens humanas que servem de fios que ligam pessoas em configurações-baile. As vibrações dos fios emocionais entre pessoas mutuamente dependentes em uma festa-baile podem ser reconhecidas como agradáveis e prazerosos tecidos que ondulam pulsões divertidas, mas, igualmente, podem significar contínuas frustrações decorrentes de não correspondências afetivas geradas nos mínimos investimentos gestuais, como olhares e uma floresta de movimentos corporais, especialmente os da face. O tempo dessas dinâmicas é contado em segundos e minutos, mas são sucessivas e incessantes quando um baile ou festa é divertido. Nessas circunstâncias, os indivíduos são submetidos a uma elevada pressão de excitação e, como face da mesma moeda, submetidos a uma pressão para segurar os impulsos que os conduziriam a um aumento absoluto da intimidade corporal com estranhos (as), à desinibição completa para a

autossatisfação sexual mediante outros, situação na qual se deixariam levar pelos desejos ascendentes e vibrantes ultrapassando as barreiras psíquicas que outros, em forças contrárias, impõem contra o livre e efetivo intercuro sexual. Essa situação leva a um “suportamento” de um elevado grau de tensão-excitação (Elias, 1992) das emoções eróticas nos corpos dos frequentadores. Estas podem ser modeladas e estabilizadas no decurso dos movimentos mimético-dançantes, eivados do reconhecimento de regras tácitas de expressões corporais, maleáveis, muitas vezes, que regulam intimidades alcançadas no momento da dança como parte de um jogo de representações motoras de sentimentos e emoções, ainda que as simulações e antecipações imaginativas gerem efetivamente emoções; não na direção da concretização do coito ou da efetiva vivência de um relacionamento íntimo entre amantes, mas no prazer da imitação motora de atos de sedução sexual e de diversos estilos de coito.

Para aumentar a clareza do tipo de fenômeno que estamos a destacar, forneço uma síntese de descrições de observações de bailes conduzidos por DJ's de reggae que presenciei, em diferentes ocasiões em Maceió, capital do estado de Alagoas. Destaco especialmente o desenvolvimento da festa e a caracterização dos momentos-ápice de um padrão coletivo de excitação tensionado pelo ambiente sonoro elaborado pelo DJ, além do cortejo para a dança e a própria dança como momento de geração e finalização de prazeres miméticos erótico-dançantes:

As primeiras pessoas que chegavam ao baile encontravam o centro do espaço de dança vazio, apenas o DJ auxiliar tocava as músicas, uma oportunidade de mostrar talento para divertir o público, “preparando o terreno” para a performance do DJ principal que chegaria depois da meia-noite. Homens e mulheres, incluindo adolescentes de ambos os sexos (chamou-me a atenção o número expressivo de mulheres) iam tomando posição, encostando-se nas paredes. A agitação era parcial e rarefeita. Indivíduos, especialmente mulheres, movimentavam-se sozinhas ou dançando em duplas, acompanhando as músicas. Os homens tendiam a ficar na posição de observadores, em pequenas hordas, algumas delas em torno do consumo discreto de entorpecentes. Na parte inicial do baile, as danças de pares eram mais raras. As pessoas se concentravam alinhadas ao longo das duas paredes, ficando o centro relativamente vazio. Havia poucos cruzamentos de pessoas de um lado para outro. As pessoas que dançavam individualmente ainda estavam pouco excitadas. Eram rarefeitos os cortejamentos para dançar. As pessoas estavam relativamente mais voltadas para si mesmas ou para os companheiros de festas com quem foram ao baile do que para o ambiente sonoro elaborado pelo DJ e para o intercuro com estranhos. À medida que mais pessoas chegavam ao baile, que iam se embriagando e se entorpecendo, e a sequência de músicas ia sendo administrada pelo condutor musical, ministrando ao público sucessos reconhecidos pelo público no estilo “reggae raiz” e ‘melô’, alterava-se a estrutura de disposições emocionais em uma direção específica: as pessoas iam sendo mais afetadas pela ambiência sonora e, simultaneamente, aumentavam suas aberturas afetivas umas para outras, seja através de danças de par, seja através de danças soltas, ambas com gestos que representavam performances erótico-sexuais com um grau menor de inibição, tornando-se os focos principais de atração dos frequentadores que observavam a festa. Na mesma medida, aumentavam-se as aberturas afetivas dos frequentadores-clientes para o próprio DJ, criando-se um tipo de vínculo

que lhe pressionava o desempenho da função de animador, interagindo verbalmente com o público, além da função de elaborador da paisagem sonora. A um determinado estágio de desenvolvimento das mútuas interações dos frequentadores entre si e entre estes e o DJ principal, alcançava-se um padrão de excitação elevado relativamente estável, ora aumentando ora reduzindo a intensidade, mas mantendo-se intenso o suficiente para que o DJ criasse as condições de reiteração de diversos momentos de êxtase erótico-dançante, durante uma, duas, ou três horas, quando, em um movimento inverso, as pessoas cansavam-se, desinteressavam-se ou, a depender, iam efetivar as relações erótico-sexuais em outro espaço, desestruturando a rede de ligações que criava o padrão coletivo de êxtase e de seus controles existente.

Com os frutos da observação direta desses bailes, apresentamos uma síntese da estrutura de desenvolvimento de uma festa-baile, indicando que os momentos-ápice de intensificação das emoções de parcela dominante dos frequentadores ocorrem nos períodos de êxtase erótico-dançante, requerendo, simultaneamente, o exercício de direcionamento e disciplinamento dessas pulsões. Esta síntese de estrutura de desenvolvimento pode servir utilmente para compreender outras configurações de festas-bailes.

A seguir, cita-se um trecho de uma descrição de fenômenos, no mesmo tipo de baile, com a intenção de delimitar uma questão distinta daquela relativas à estrutura do desenvolvimento do baile, mas que está estreitamente relacionada a esta, que pode ser assim resumida: em que consiste a dinâmica psíquico-motora dessas emoções prazerosas denominadas erótico-dançantes? Com as descrições a seguir se pretende fornecer uma imagem da dinâmica de gratificação psíquico-social vinculada à adoção de uma linguagem dançante, atendendo ao pólo egóico das pessoas, através de relações com outros, em um baile, privilegiando o foco no prazer das mulheres:

Uma sequência de gestos chamou-me a atenção em algumas das mulheres do baile voltadas para o palco que dançavam sozinhas. Poderia descrevê-la da seguinte forma: tendo por base o movimento dançante de quadril, levado em parte pelos movimentos que flexionavam alternadamente os joelhos, desenvolvia-se um movimento sensual dos quadris, um rebolado. De modo complementar e coordenado, percorria o seu quadril com movimento de mãos, acompanhando o formato do seu corpo até a região do busto para, em seguida, fazer movimentos circulatorios com as mãos, especialmente com as pontas dos dedos, simulando uma série de atos de auto estímulo erótico nos seios. Uma vez concluído essa série gestual, a mulher repetiu a sequência como um desenvolvimento de um estado de excitação anteriormente alcançado, renovando a busca por satisfação própria previamente vivenciada. Um dos índices de expressão da satisfação dessa série de movimentos dançantes direcionadas para o auto estímulo erótico ganha forma na feição do rosto, observada nas mulheres que tinham esse estado pronunciado. O desenvolvimento mimético-motor decalcava-se na face na medida em que a série gestual implicada na relação entre o ‘movimento rebolado’ e a ‘performance das mãos sobre o corpo’ ganhava um automatismo próprio e adquiria uma certa duração. Em outros termos, adquiria um grau de descontração excitada e um padrão de intensificação tensamente equilibrada

de êxtase para fazermos uma apropriação levemente modificada de termos de Norbert Elias e Cas Wouters. Durante essa cadeia de movimentos o rosto e os olhos gradativamente desligavam-se de possíveis impactos da visão própria do frequentador de seu entorno, voltando-se para o aumento da sensibilidade com seu próprio êxtase gerado pela interação a ambiência sonora e a imaginação motora. Em algumas mulheres, esse estado pôde ser observado nos momentos em que fechavam os olhos, acompanhados geralmente de um movimento de abaixar tenuemente a cabeça para em seguida elevá-la, com a mesma cadência. Difícil não pensar que o ritmo dos movimentos não estivesse ligado a alguma forma de dinâmica psíquica imaginativa. Todo esse movimento dava-se de modo coordenado com os movimentos padronizados de pernas, quadril e mãos. Nesses momentos, pude observar que dificilmente poderia enxergar algo ou prestar atenção em qualquer movimento que as pudessem retirar de seus estados de excitação, embora na maioria das vezes esse estado não durasse mais que algumas dezenas de segundos ou poucos minutos. Poderia tomar esse estado, encontrado apenas em determinadas pessoas que dançavam sozinhas, em momentos específicos do baile, como referência empírica de definição do gradiente elevado de auto referência emocional e de satisfação própria com a mimese-motora que simulava gestos de auto estímulo erótico da interação com o ambiente sonoro e o prazer de outras pessoas por verem-na desinibida. Com isso, se quer dizer que o prazer advinha de uma padronização de gestos que, de alguma forma, representava formas efetivas de representações auto-eróticas sexuais, e o prazer era extraído dessa representação, não da estimulação direta dos órgãos sexuais, mas situada na dimensão simbólico-expressiva da imaginação motora ativada na corporeidade.

Os momentos de êxtase erótico-dançante também eram compostos pelas mútuas ligações afetivas entre estranhos ou quase estranhos, expressas nos múltiplos casais que, por alguns minutos, extraíam o prazer da elevada excitação erótico dançante, vivenciada no compartilhamento de intimidades através do reggae como dança de par:

Um aspecto que chamou a atenção inicialmente no processo que leva à dança de par é o cortejo da jovem pelo moço. Nas diferentes oportunidades que tive de observar esse momento identifiquei a ausência de qualquer etiqueta verbal. O gesto de ir em direção à moça e o leve estender de mãos, de modo rápido, ressaltado, não lento ou cadenciado, era o primeiro movimento reconhecido pela mulher para que fizesse uma escolha e ativasse as suas disposições para a dança. Até o momento, tenho tomado a ausência de qualquer cortejamento verbal, aliado ao baixo índice de rejeição das mulheres para a dança, como um índice de sedimentação do conhecimento das regras de controle das emoções entre homens e mulheres no horizonte de expectativas do que será o momento do prazer dançante. Se considerarmos, ademais, que as observações feitas indicam igualmente um baixo índice de intercurso de intimidades eróticas efetivas pelos pares durante a dança, podemos pensar que a barreira social erguida como controle dos desejos de ir além da simulação erótico-dançante, tanto por parte de homens quanto de mulheres, é bastante significativa na sociedade abrangente. Vamos à descrição da dança um dos casos em que o cortejo foi bem sucedido.

Um dos primeiros movimentos mútuos é o abraço íntimo. A mulher coloca os dois cotovelos sobre cada um dos ombros de seu par e, com as mãos, segura ou simula segurar a parte de trás da cabeça do parceiro, puxando-a até que ela

fique lado a lado de seu rosto em um tipo de gesto que, em períodos anteriores, seria aceitável apenas entre casais íntimos. O curso da dança desenvolve-se da seguinte maneira: a mulher, abraçada ao pescoço do parceiro, fica com tronco, quadril e pernas livres para realizar caminhados ou pequenos passos em círculos, acompanhados de rebolado, acentuando o movimento alternado das nádegas de um lado para outro, no tempo e no ritmo que ela lidera. A função do homem está altamente limitada pela função de conduzir o par. Limita-se a acompanhar o andar rebolado que a mulher desempenha. No momento clímax do erotismo dançante, o homem simula uma de série de apalpamentos, percorre com as duas mãos o corpo da parceira, do ombro até as nádegas, e avança ainda para as pernas da parceira. Em boa parte das vezes essa série gestual dá-se sem tocar o corpo, mas, eventualmente, de maneira ousada, tocando e roçando a mão no bumbum da parceira, numa luta tensa envolvendo conquistas e frustrações, desejar e ser desejada, de acordo com avaliações tácitas, para alcançar outro estágio de intercurso erótico. A determinada altura da dança, o casal se fixa em um ponto e chega-se ao momento em que a tensão das emoções eróticas alcança o seu nível mais elevado. A mulher posiciona suas pernas de forma que o joelho do parceiro fique entre elas. O homem projeta o joelho à frente; a mulher projeta o tronco e, junto com ele, empina o bumbum para trás, em gestos ousados que lembram dançarinas profissionais da sedução sexual de períodos anteriores. O tronco do homem fica ligeiramente arqueado, ficando algumas vezes levemente agachado, para poder acompanhar o movimento da mulher de rebolar em cima de seu joelho no momento de máxima excitação. Em um movimento altamente sensual, a mulher mexe a cintura com grande destreza, em círculos, durante um sentido (horário ou anti-horário) para, a certa altura, fazer o movimento no sentido oposto. A sequência desse gesto é realizada em cima do joelho do parceiro, simulando uma sedução erótica-sexual. As mais habilidosas estereotipam o rebolado e cadenciam o movimento circular da cintura e suas quebras de sentido repentinas em diferentes tempos, lembrando alguns movimentos de cintura da dança do ventre, mas em concordância com a tradição de movimentos dançantes relativa ao abraço do forró e à cadência do reggae como dança solta. Muitos homens ficam observando a mulher expor sua sensualidade para ele, enquanto ele simula os atos de passar a mão por seu corpo, apalpando-a. Quem não conhece de perto a lógica do intercurso dançante do baile poderia facilmente pensar que se trata de namorados muito íntimos, ou simplesmente que teriam tido um intercurso de carícias amoroso-sexuais temporárias, reconhecido no instituto do “ficar”. Mas eis que a música termina e imediatamente toda a tensão erótica é desestruturada e cada indivíduo do par corre para um lado do baile, lembrando que são estranhos um ao outro. Eis o principal índice do elevado “suportamento” da tensão erótica que vincula duas pessoas não imediatamente familiares, permitindo e limitando a emoção erótica, diversas vezes, sem que redunde em um intercurso sexual mas, igualmente, que fique a marca de qualquer estigma, principalmente para a mulher.

Apesar de extensos, os trechos sintetizam fenômenos que podem ser compreendidos como exemplos típicos de eventos estruturados por um padrão de gratificação psíquica na direção do prazer diversional, gerada por um curso de interações entre pessoas através de linguagens miméticas que denominamos erótico-dançantes. A descrição

detalhada de gestos dançantes – expressivos de fenômenos de recompensas afetivas temporárias e decorrentes da representação motora de gestos sexuais, visa realçar que a impulsão das pessoas para mobilizarem símbolos potencialmente armazenados em seus corpos, com os quais dão formas às simulações que geram tensões-excitações, podem ser compreendidas como cursos próprios de alimentação e cessação de prazeres relativos às funções de envolvimento egóico com as emoções de autossatisfação e que, como funções psíquicas, estão atreladas a outros desempenhos sócio afetivos que ligam os indivíduos uns aos outros. Em outros termos, as dinâmicas psíquicas de prazer, decorrentes desses gestos, não estão necessariamente associadas a gratificações emocionais vinculadas a representação das ligações dos indivíduos a outros e, nesse sentido, não estão inextricavelmente associadas a emoções de pertencimento a imagens de grupo ou às de contestação de uma ordem estético-moral, uma vez que ambas as funções requerem a satisfação de prazeres relativa à simbolização de níveis de realidade menos egóicos e mais *alter*-orientados, o que não parece condizer com a realidade do tipo de fenômeno de diversão anteriormente descrito.

Apesar de esses cursos estruturados de gratificação de curta duração estarem direcionados, através de símbolos sonoro-motores, para o desempenho de funções psíquicas com elevado grau de orientação para o pólo “eu”, elas não são formadas pelo pólo “eu” isoladamente. O “eu”, para lembrarmos descobertas em sociologia e psicologia, é uma função da relação da pessoa consigo mesma, modelada através de outros (Elias, 2002). Como tal, um resultado da diferenciação de funções psíquicas maturadas em diferenciadas jornadas de experimentação de “dependência” e “independência” com outros (Winnicott, 1990).

Podemos, assim, nos aproximar com mais familiaridade da ideia de que as linguagens de satisfação do “si mesmo” são modeladas socialmente, e formam figuras através das quais se reconhece um tipo de prazer egocentrado. Compreendê-las, ajuda a constituir símbolos orientadores nas relações entre os indivíduos em um estágio de desenvolvimento de sociedades nas quais, comparativamente com o passado, houve tanto um aumento da quantidade quanto uma diversificação do repertório de símbolos orientados para as satisfações do pólo “eu”, sem capas denegadoras do prazer egóico. Estreitamente relacionado a esse processo há o crescimento e a diversificação de diversões com linguagens de simulação erótico-sexual.

A necessidade de denegação do prazer próprio que se manifesta inúmeras vezes na vida de uma pessoa e nas formas de reprodução social é uma forte expressão da dependência entre a forma do prazer egóico e a imagem social emersa aparente para outro. Na esteira dessa percepção, podemos apontar que as formas de satisfação de si são tanto forças constrangedoras quanto constrangidas pelas maneiras como as pessoas entre si se tornam dependentes e, simultaneamente, constituem símbolos de gratificação egocentros - exibidos publicamente -, ou forçadas a inibirem a auto expressão pública de prazer próprio, ambas as direções amarradas por vínculos sociais que forçam uma orientação *para outros*.

Acreditamos que com modelos dotados de maior complexidade psíquico-social, fornecemos uma visão mais precisa do quão pressionadas e pressionadoras essas forças

são no direcionamento de grupos humanos, quando combinadas com outras dimensões de interdependências pessoais.

As dinâmicas de gratificação psíquicas egóicas são vistas, ainda, em muitas regiões do acervo de conhecimento comum ou especializado, como dinâmicas patológicas em si mesmas, e não como parte de uma balança de tensões psíquicas socialmente formada e estruturada.

Se considerarmos, em relação ao passado, a expansão de polos de gravitação de pessoas como bares, boates, bailes, em seus diversos formatos, públicos, privados, negócios de baixo custo em periferias urbanas, casas prestigiadas de atração de pessoas de distintas classificações sociais em zonas bem reputadas, até mega eventos de elevada organização profissional em escala nacional e transnacional além, ainda, da presença íntima de imagens e sons musical-dançantes chegados do rádio, da televisão, da internet, veremos que a estrutura de apresentação das emoções alterou-se, permitindo maior liberdade de expressão erótica, amorosa e sexual, particularmente, para as mulheres, através de representações motoras, aumentando o repertório de linguagem de excitação amorosa e sexual disponível em relação ao antigo acervo de linguagens eróticas, eminentemente músico-literárias e altamente dissimuladas, no sentido de emergirem com máscaras simbólicas sobre o prazer puramente “eu-centrado”, das classes médias e altas do Brasil.

Podemos observar que as disposições para representações de gestos erótico-dançantes para estranhos numa direção mimético-sexual, como expressão da busca levada a cabo por homens e mulheres por oportunidades de vivências de prazeres diversionais, estão disseminadas em diferentes instituições que propiciam o aumento das interdependências e interpenetrações entre tradições expressivas anteriormente mais segregadas entre homens e mulheres de mesma estratificação social.

O que o aumento e a diversificação de linguagens diversionais dançantes como representações motoras de gestos erótico-sexuais podem nos dizer sobre o equilíbrio de forças entre homens e mulheres e a alterações das direções da vida social no Brasil contemporâneo?

***A necessidade de diferenciação do vocabulário sobre o equilíbrio de poderes entre homens e mulheres e os jogos diversionais-eróticos como dimensões vitais estruturadas.***

Uma primeira questão refere-se à necessidade de diferenciar o vocabulário utilizado para avaliar o equilíbrio de poder entre homens e mulheres em relação ao acervo de conhecimento existente. As iniciativas nessa direção são vastas, mas ainda pouco integradas entre si. Uma parte bastante disseminada do saber disponível sobre avaliação da igualdade/desigualdade entre homens e mulheres está norteadas pelos problemas de acesso a renda, a posições no mercado de trabalho, ao acesso à educação e a posições de representação política. As imagens dessas funções sociais fazem parte do acervo de símbolos que tomamos como auto evidentes para compreender tanto a condição atual de nossa sociedade quanto os caminhos para os quais acreditamos que, enquanto sociedade, devemos rumar. Como efeito da condição geral do investigador de estar



altamente submetido às pressões afetivas decorrentes do cultivo de ideais dos grupos nos quais está inserido, tende-se a cristalizar avaliações de dimensões parciais da vida como se pudessem abarcar a compreensão de todas as outras. Resultado: a compreensão especificada das diferentes forças, em um modelo integrado, fica grandemente prejudicada. A forte idealização de tradições simbólicas de poder econômica e política, ligadas aos processos de industrialização e profissionalização das sociedades europeias e brasileira durante o século XX dificulta enxergar outras dimensões de avaliação da dignidade humana e, nesse sentido, a importância de outros ideais na composição do conjunto de pressões que fazem desdobrar as dependências humanas, especialmente no que toca a regiões da vida moldadas por símbolos elaborados prioritariamente por mulheres. Parcialmente, estes bloqueios provêm da dimensão das lutas humanas decorrentes da divisão de lógicas de transmissão de símbolos estruturadas por homens e mulheres em regiões da vida nas quais agem como pertencentes a redes sociais distintas, moldando códigos de comportamento distintos. Uma dessas dimensões expressivas especificamente femininas – que saíram da zona reclusa da dominação doméstico-familiar, escolar e religiosa ou de espaços tabu, tais como prostíbulos e bairros populares – foi a exposição das emoções em termos de imitações explícitas de gestos erótico-sexuais em espaços de divertimento.

Um dos aspectos que facilmente passa despercebido é que a diversificação dos espaços de exposição das emoções erótico-sexuais, presentes em estruturas de comunicação e informação de elevado poder de integração de distintos estratos sociais, contemporaneamente, está relacionada com uma batalha simbólica de longa duração na qual o ponto central da disputa é o valor da mulher como foco do desejo e apreciação erótica de outros. Em outros termos, que um dos pontos importantes ao qual as mulheres extraem motivação para viver e lutar, formando uma avaliação de seu valor próprio, portanto, simbolização que faz parte das forças efetivas da configuração social global, são as linguagens através das quais elas se esforçam para esculpir suas aparências e, dessa forma, batalharem para se tornar referências gravitacionais da atenção de outros pelo valor que possuem como apresentadoras de expressões eróticas. Mais ainda, que essas disputas não se dão apenas como se homens e mulheres se colocassem de maneira absolutamente opostas uns contra os outros. Uma significativa parcela dessas disputas está relacionada com o cultivo das “artes” de exposição erótica em competições estruturadas pelas mulheres entre si, como um campo de lutas relativamente próprio em relação a dimensões marcadas por batalhas que travam contra os homens. Uma parte do problema está relacionada com o fato de os conflitos entre as mulheres estarem atualmente mais fracamente sujeitos às lógicas de controle e disciplinamento oriundas de esferas da vida nas quais vige ou vigia a crença de que a liberdade erótica das mulheres desestabiliza a ordem social.

Ao aumentar o acesso a recursos de poder em outros tipos de funções sociais, as mulheres fizeram crescer os constrangimentos sobre diversas dimensões da vida em que se relacionam com os homens, pressionando-os a se orientarem por critérios de avaliação de gestos erótico-sexuais em “espaços públicos” mais explícitos e com graus menores de sentimentos de vergonha, através dos quais retiram forças parciais, mas fundamentais, para aumentar suas estimas. Essa percepção existe, mas bastante difusa,

em brincadeiras jocosas geralmente expostas em conversas dos homens entre si e das mulheres entre si.

Uma das transformações mais significativas a esse respeito se refere ao fato de que o fortalecimento maciço das mulheres em regiões da vida social tais como as relações de trabalho, as lutas por acesso à educação, à renda, incluindo a concorrência por benefícios estatais de proteção social, e por acesso a posições político-parlamentares, foi e tem sido convertido em investimentos na conquista de posições no mercado de casamentos, namoros, encontros, flertes temporários além das aparências estético-eróticas em espaços de integração inter-classes, inter-geracional e inter-gêneros amplos e diversos. As reportagens que divulgam resultados de pesquisas de mercado são evidências bastante úteis a esse respeito, sendo pequenas evidências para dar uma noção do processo. Em uma dessas reportagens, foi informado que o instituto de pesquisa Datapopular constatou que entre 2002 e 2012 a renda das mulheres teria avançado 67%, enquanto a dos homens, no mesmo período, teria aumentado 40%<sup>1</sup>. Informa, ainda, que os postos de trabalho entre as mulheres cresceram 75%, enquanto que entre os homens o crescimento foi de 59%, no mesmo período. Entretanto, mais expressivas do aumento de poder das mulheres e da pressão que exercem para obter gratificação própria através de apresentações públicas da aparência e de gestos eróticos sexuais são as informações sobre os seus gastos. Vejamos; em outra reportagem divulgou-se pesquisa feita por Sophia Mind Pesquisa e Inteligência de Mercado, especializada no levantamento de informações sobre mulheres consumidoras, na qual inferiu-se que no início de 2012 55% das mulheres compravam ao menos uma peça de roupa por mês<sup>2</sup>. Há ainda a informação de que também em 2012 foram responsáveis por movimentar 1,3 trilhão em bens e consumo, sendo consideradas pela reportagem como o maior mercado consumidor brasileiro daquele momento<sup>3</sup>. Na mesma pesquisa apontava-se que 34% das mulheres até 25 anos tinham na moda o principal item de gasto, enquanto que para as mulheres com idade entre 26 e 30 anos o gasto com diversão fora de casa se equiparava ao gasto com moda.

Há, ainda, outra região da vida que se expandiu, relacionada à homologia entre aumento da renda, crescimento dos gastos das mulheres e o consumo de bens de autossatisfação individual erótico-sexual, que foi o mercado de literatura erótico-sexual direcionado para mulheres, expresso recentemente no sucesso do livro “50 tons de cinza”. Esta obra vendeu 100.000 exemplares em apenas 16 dias no Brasil, tendo se tornado um best-seller mundial, no que tem sido alardeado como um tipo de literatura anteriormente inexistente, focada em um tipo de prazer prioritariamente sexual, menos romantizado,

---

<sup>1</sup> Notícia do site G1, “Renda das mulheres deve atingir R\$ 717 bilhões em 2012, diz estudo”, publicada em 06/12/2012. Fonte: < <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/03/renda-das-mulheres-deve-atingir-r-717-bilhoes-em-2012-diz-estudo.html> >, acessado em 13/10/2012.

<sup>2</sup> Notícia do site Sophia Mind, “Pesquisa da Sophia Mind indica que 55% das mulheres compram ao menos uma peça de roupa por mês”, publicada em 28/02/2012. Fonte: < <http://www.sophiamind.com/pesquisas/pesquisa-da-sophia-mind-indica-que-55-das-mulheres-compram-ao-menos-uma-peca-de-roupa-por-mes/> >, acessado em 13/10/2012

<sup>3</sup> Notícia do site Guia de compras coletivas, “Compras Coletivas Para Mulheres São Responsáveis Por Maior Mercado Consumidor Do Brasil”, publicada em 11/03/2011. Fonte: < <http://www.guiacomprascoletivas.net/noticias/mulheres-sao-responsaveis-por-maior-mercado-consumidor-do-brasil/> >, acessado em 13/10/2011

direcionada para mulheres<sup>4</sup>. Ainda assim, de outro lado, tem sido visto, sob os olhos dos homens, como uma espécie de “pornô light”, ou seja, um tipo de literatura erótica, com mais acento na extração do prazer pela representação de atos sexuais que de atos de compromisso amoroso, mas que não teria o mesmo efeito de elevação da excitação erótico-sexual para os homens. Ainda assim, e esse aspecto é aqui importante, o sucesso desta literatura expressa, para ambos os setores, um movimento de diferenciação significativa de símbolos e de funções psíquicas de extração do prazer nas mulheres, entre o que poderíamos chamar de “funções afetivas sexo” e “funções afetivas amor”<sup>5</sup>. A repercussão dessa diferenciação psíquica sobre a estruturação global da sociedade brasileira parece ser tão significativa quanto os movimentos complementares de redistribuição maciça de renda e da alteração global de estilos de consumo entre grupos de diferentes faixas de renda no Brasil atual.

Manuseando modelos socio-psicológicos elaborados por Wouters (2007, p: 50-54; ), talvez possamos compreender esses fenômenos por dois pontos de vistas mutuamente complementares. De um lado, observando as divisões e complementaridades entre homens e mulheres, realçando as barreiras sociais levantadas contra a exposição do sentimento de superioridade dos homens frente às mulheres, expressas no aumento dos aparatos de segurança para estas, facultando-lhes ousarem crescentemente, viver como se fossem absolutamente livres sexualmente<sup>6</sup>. A Lei Maria da Penha é, a esse respeito, expressiva, mas, igualmente sintomático é o aparato de segurança particular de casas de shows, boates, mega shows, mesmo nas periferias, refreando alguns sentimentos de superioridade masculina advinda da percepção de serem seres fisicamente mais fortes, ao mesmo tempo em que trazem atrações mirando parcialmente o público feminino.

De outro, as alterações humanas vistas do ponto de vista da divisão de classes de renda e de consumo, que nos leva a compreender a maior publicidade de imitações de gestos sexuais e de sedução sexual como uma face do movimento de interpenetração entre tradições de gestos erótico-sexuais de grupos anteriormente separados por lógicas de distribuição da renda mais rígidas, formando, atualmente, novos padrões simbólicos de cortejamento, sedução e sugestão sexual, sob padrões sociais mais amplos e integradores (Rodrigues, 2008). O sucesso amplo de grupos musicais que tem como um dos apelos atrativos o estímulo à representação dançante erótico-sexual no mercado de apresentações e fonográfico é, a esse respeito, bastante expressivo. É sob a percepção de que é necessário integrar pontos de vistas acerca das alterações das cadeias humanas, como aqueles decorrentes das divisões de gênero, de renda e de estilos de consumo, que buscamos elaborar modelos de compreensão sobre as tradições musicais erótico-

---

<sup>4</sup> Nesse sentido, vale ressaltar que talvez possamos pensar o direcionamento desse mercado editorial como desdobramento e, simultaneamente, uma descontinuidade, com o antigo comércio de fotonovelas, aparecidas no Brasil no pós-guerra, no final dos anos 40, de grande sucesso editorial entre os anos 50 e 70, que trazia histórias nas quais se imbricavam temas como casamento, amor, sexo, beleza, e necessidades lúdicas, e, posteriormente, livros como Sabrina, Julia, Bianca, Momentos Íntimos e, vale ressaltar, Júlia Sensual, que trazia descrições explícitas de jogos de sedução e de sexo entre os amantes. Ver, nesse sentido, HABERT (1974), SAMPAIO (2008) e GERALDES e MACHADO (2009).

<sup>5</sup> Estamos atentos às contribuições de Cas Wouters (2007) a esse respeito, mas devido ao espaço exíguo que temos, fiz a opção por não explicitar reflexivamente meu débito com seu pensamento aqui, concentrando-me na formulação do problema, a luz das pesquisas que desenvolvo.

<sup>6</sup> A esse respeito ver Elias (1987).

dançantes presentes em diferentes níveis de coordenação da população brasileira atual, tanto ao nível das periferias, quanto ao nível de eventos de entretenimento amplamente integradores<sup>7</sup>.

Nos tipos de competições nas quais o valor erótico é um ponto de referência, a raridade do bem é altamente dependente do valor que as mulheres entre si simbolizam, vinculadas a redes com códigos sociais de convívio relativamente apartados dos vigentes entre formas de convívio mais exclusivas dos homens entre si. A percepção vagamente disseminada de que as mulheres se vestem para mulheres é, a esse respeito, significativa. A necessidade de publicidade do valor próprio para o mercado do amor-sexual e da reputação gestual é, nesse sentido, uma força constrangedora majoritariamente feminina. Os valores de ser provedora, e parecer provedora, ainda ficam em segundo plano quando uma parte das mulheres leva em conta o que vale mais para as suas estimas como “mulher”.

Em síntese, as tradições de lutas seculares entre as próprias mulheres, pela boa reputação de suas imagens e gestos como referências de valor erótico-sexual e amoroso tem ultrapassado os bloqueios psíquico-sociais de estruturas de dominação anteriores. Esse aspecto é muitas vezes subestimado em iniciativas de investigação que observam a dignidade constrangedora do erótico<sup>8</sup>. Tem se imposto como linguagens de dominação com maior grau de publicidade, demandando maior atenção e conhecimento por parte dos homens, pelo papel que as lutas entre as próprias mulheres adquiriram em redes sociais heterogêneas, sofisticando-se e diferenciando-se, interpenetrando-se com funções sociais altamente prestigiosas para os homens, como as funções profissionais ou as de pregação religiosa, pela apresentação discursiva, que em diversas confissões ascendentes contemporâneas têm sido deslocadas ou divididas com as cada vez mais importantes “pregações musical-dançantes”<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Ver, nesse sentido, Rodrigues (2011).

<sup>8</sup> Hakim (2010), por exemplo, reivindica a originalidade de sua conceituação acerca do “capital erótico”, visando dar conta da capacidade de subordinação do outro e de mobilização de poder calcada no reconhecimento de que as pessoas compartilham um conjunto de valorações acerca da capacidade de sedução, de convencimento pelo gesto e aparência, o flerte casual, entre outras, sintetizadas no conceito retomando. Entretanto, há uma tendência, em Hakim, de observar os jogos por conquista de reputação gestual e mobilização dessa reputação, prioritariamente em termos de oposição entre homens e mulheres. Em seu modelo, fica inteiramente sombreada a representação de fatos nos quais os investimentos por conquista de reputação erótica são realizados por mulheres orientadas para lutas contra outras mulheres. Há uma propaganda excessiva acerca da descoberta do erótico como uma esfera gravitacional própria, realmente relevante, complementar com uma baixa preocupação em oferecer um modelo social abrangente que permita observar o peso desse campo valorativo no equilíbrio com outras funções expressivas.

<sup>9</sup> O aguçamento para as tensões entre linguagens diversionais e narrativas salvíficas e recompensatórias no seio de confissões religiosas é tributário de informações e reflexões trazidas por Vânia Paiva, orientanda de graduação, que conduz uma pesquisa sobre música Gospel, consumo e linguagens dançantes religiosas. Especialmente, destaca a alteração em determinadas facções religiosas neopentecostais, da predominância de funções expressivas discursivas para a prevalência de símbolos musical-dançantes, ficando relegadas ao segundo plano as pregações dos pastores. Atualmente, uma parte dos conflitos acerca das normas sobre os rituais em Igrejas neopentecostais gravita em torno da importância da dança e do êxtase musical-dançante na organização dos cultos. Tenho a suspeita de que a importância assumida por expressões musicais e dançantes está relacionada a crescente relevância das mulheres como no interior dos grupos sacerdotais e, homologamente, entre o próprio público, mais repleto de mulheres autônomas econômica e afetivamente.

Após esses enunciados, pode soar mais razoável a ideia de que a aquisição de poder econômico ou político, por si mesma, não explica algumas das tendências sociais que resultaram nos equilíbrios de poder contemporâneos entre homens e mulheres no Brasil. Podemos pensar, com adequação, que a aquisição de maiores recursos nessas mencionadas regiões da vida permitiu uma maior democratização de poderes entre mulheres de diferentes estratos sociais em campos de lutas especificamente femininos, como batalhas mais livres por homens no mercado de casamentos, namoros e flertes ou por se sentirem bem avaliadas em suas reputações gestuais, índices de graciosidade, felicidade, até sucesso sexual, entre as próprias mulheres, transmutando as fronteiras de classes anteriormente existentes entre elas, desdobrando-se, parcialmente, em novas divisões estéticas erótico-sexuais, alcançando maior grau de publicidade, através de novas dimensões da mensuração da dignidade social.

O mundo do divertimento musical-dançante como os bailes conheceu uma significativa expansão na segunda metade do século XX, decorrente, entre diferentes fatores, da maior liberdade adquirida pela “mulher comum” para livremente concorrer por parceiros através da exibição explícita, com reduzido sentimento de vergonha, de expressões erótico-sexuais. Concursos de misses, programas de televisão, revistas de diferentes matizes abertas à exposição do nu feminino, incluindo o segmento pornográfico, parecem ser expressões do mesmo conjunto de pressões. Tenho podido atestar isso pelo acompanhamento em jornais ao longo do século XX, no entanto, pelo espaço disponível nesse artigo e pelo estágio de sistematização desses dados não será possível apresenta-los aqui.

Houve, igualmente, um movimento de democratização de bens e habilidades entre mulheres de distintos estratos sociais, o que permitiu a largos segmentos femininos alcançarem alguns ideais de beleza ou propor novos. Anteriormente, estes poderes estavam concentrados em indivíduos das classes médias e altas, em um período da figuração social no qual a homologia entre a estrutura de distribuição de renda e o padrão de divisão de recursos estético-eróticos se expressava através de um rígido mercado de oportunidades de intercursos entre homens e mulheres, com menos chances de terem valor erótico dignificante fora de círculos familiares e religiosos, reprodutores de divisões educacionais e étnicas. Fornecer um exemplo de democratização de técnicas e adereços de alteração da aparência pode ser útil. Para oferecer uma visão de quem acompanhou tal tipo de transformação, mostrarei um trecho de um depoimento que obtive em pesquisas que realizei sobre bailes de aparelhagem em Belém. Foi fornecido por um DJ de meia-idade, um “coroa”, que à época da entrevista conduzia um importante programa de rádio, divulgando músicas dançantes de sucesso, tendo como uma de suas principais audiências grupos jovens de periferias. Em décadas anteriores, tinha sido um dos responsáveis por adaptar o modelo de diversão que gravitava em torno do DJ e da discotecagem em pick-ups, trazidas pelas classes médias e altas belemenses, às condições do público de um bairro popular estigmatizado, como era e é o Guamá em Belém. Já tirou renda de fazer vinhetas para aparelhagens e DJ’s de melody (tecnobrega). Seu depoimento é significativo, pois acompanhou de perto as transformações de diferentes bailes na periferia ao longo de mais de três décadas. Ao ser instigado a responder sobre a situação da diversão do público ele proferiu:

hoje em dia não tem mais mulher feia, porque ela vai numas lojinhas e compra uma sainha bem pequenininha, pega um sapato altão...tudo baratinho, todo mundo tem cartão”! tu vai num desses...não tem mais mulher feia...Chapinha! quando não existia a chapinha, a mulher ficava com o cabelo deste tamanho [Jimmy levanta os braços e simula uma juba de leão] parecia uma jararaca, aí amarraaaaava, alisaaaaava....pra alisar o cabelo, a mulher chorava....moleque! porque primeiro pegava assim uma pasta, aí passava no cabelo, ran ran ran ran ran ran [Jimmy simulando a aplicação do creme], hoje não, você pega e faz chapinha, fica linda, a mulher! não tem mais mulher feia...<sup>10</sup>

O trecho é uma evidência do quanto a luta por democratização e aperfeiçoamento da manipulação da aparência é um desenvolvimento social estruturado que tem mais duração do que o que geralmente estamos dispostos a perceber quando se menciona que algo é apenas um modismo, e que tem nas mulheres agentes cruciais desse processo. Ademais, na medida em que a competição se acirrou na direção de lutas crescentemente explícitas para que os indivíduos sejam atrações eróticas em mercados amorosos e sexuais mais livres de constrangimentos econômicos, familiares, mesmo religiosos, como são os espaços de divertimento musical-dançantes, aumentou-se a criação de novas variações expressivas estético-sexuais, mais ousadas, diversas e abarcantes de amplos públicos. A elevada profissionalização e o sucesso nacional de bandas, DJ's e dançarina(o)s de pagode baiano, de brega e tecnobrega paraense, de brega pernambucano, de forrós cearenses e de funk carioca são expressões de que forças simbólicas miméticas erótico-sexuais constituem uma dimensão constrangedora da configuração humana. São também expressões de parcela das direções pulsionais atuais de grandes contingentes humanos, modeladas por éticas de autossatisfação. Em sociedades que abrigam forças sociais marcadas pela direção da autossatisfação, precisar suas dinâmicas psíquicas e suas interdependências com diferentes funções sociais pode ser útil para compor quadros de compreensão que estão na base da busca por tentativas de redução do sofrimento humano.

### Referências Bibliográficas.

ELIAS, N. The Changing Balance of Power between the sexes — A Process-Sociological Study: The Example of the Ancient Roman State. **Theory, Culture & Society**. June, vol. 4 no. 2 287-316, 1987. doi: 10.1177/026327687004002005

ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992

ELIAS, N. **Teoria Simbólica**. Oeiras: Celta, 2002.

GERALDES, Elen; MACHADO, Liliane. Júlia, Sabrina e outras mulheres: os romances do coração como fenômenos de Comunicação. **COMUNICOLOGIA**.

---

<sup>10</sup> Entrevista com o radialista e DJ Jimmy Night, 26 de Setembro de 2008.

**Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília**, pp. 127-134, Vol. 1, No.5 (2009). Fonte: <  
<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/comunicologia/article/view/1273/1010>>,  
acessado em 14/10/2012.

HABERT, Angeluccia Bernardes. **Fotonovela e indústria cultural**: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Vozes, 1974.

HAKIM, Catherine. Erotic Capital. **European Sociological Review**, Volume 26, Issue 5, p. 499-518, 2010. Disponível em:  
<http://www.mas.org.uk/uploads/articles/Erotic%20Capital%20by%20Catherine%20Hakim.pdf> . Acesso em: 15 Set. 2012.

RODRIGUES, F. J. Música, vulgaridade e dinheiro: o sentido erótico-dançante nos mercados culturais das periferias urbanas. **Revista Latitude** Vol. 2, nº 2, pp.143-181, 2008. Disponível em: [http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/161/pdf\\_9](http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/161/pdf_9).

RODRIGUES, F. J. Economia simbólica da excitação: sobre os circuitos musicais populares nas periferias e o sentido erótico-dançante no tecnobrega e no pagode baiano. 2011. Tese(Doutorado em Sociologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/9972>.

SAMPAIO, Isabel Silva. **Para uma memória da leitura: a fotonovela e seus leitores**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2008.

WINNICOTT , Donald W. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WOUTERS, Cas. **Sex and Manners**: female emancipation in the West 1890-2000. London: SAGE publications, 2004.

\_\_\_\_\_ **Informalization**: manners & emotions since 1890. London: SAGE publications, 2007.

Endereço para correspondência: Rua Carlos Gomes da Silva, n. 101, ed. Maison Saint Laurent, apt. 803, Jatiúca/Stella Maris. CEP: 57.036-450. Maceió – AL.